

Espaço Discente

O JOGO DE XADREZ DA DIPLOMACIA BRASILEIRA

JOÃO OTÁVIO BENEVIDES DEMASI

O presente ensaio objetiva descrever a atual circunstâncias dos processos diplomáticos em curso, a partir de duas refinadas artes, o jogo de xadrez e a diplomacia brasileira.

A chancelaria brasileira insere a sua política externa, por uma ação global, notadamente através da diplomacia comercial, em busca de terceiros mercados consumidores.

Este objetivo político-diplomático é pragmatizado a partir do fortalecimento de foros multilaterais como a OMC, pelos sensíveis esforços negociadores para a criação da ALCA, de um acordo entre os blocos interregionais União Européia-Mercosul, e na recente concentração de esforços para a abertura de novos mercados, bem como exportar mais para terceiros mercados a marca *Made in Brazil*.

Em um recente seminário realizado no Memorial da América Latina, em setembro de 2001, com a presença do Chanceler brasileiro, o Professor Celso Lafer, do Secretário-Geral da UNCTAD (Programa das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento), o Embaixador Rubens Ricúpero, e do Representante Permanente do Brasil nos Estados Unidos, o Embaixador Rubens Barbosa, entre outros ilustres grandes intelectuais da inteligência brasileira, surgiu uma pequena controvérsia quanto a correta classificação destes complexos processos negociadores vigentes. Tal pequena controvérsia produziu textos que acabaram por esclarecer melhor este inédito processo brasileiro.

Durante o evento, utilizando-se da linguagem enxadrística, advogou-se a possibilidade de serem os atuais processos *simultâneos*. Muitas das autoridades presentes discordaram.

Algo memorável, por não ser tão recente, é o fato de, em 1997, quando o ex-Campeão Mundial de Xadrez, Gary Kasparov, esteve no Brasil, ele jogou uma simultânea contra a equipe olímpica brasileira de xadrez, isto é, sozinho jogou contra quatro distintas mesas, com o resultado favorável de 2,5 a 1,5 para o “Enfant Terrible”.

A palavra e ação que descrevem a conjuntura internacional que atravessa o Brasil, no concerto das Nações Unidas, é que jogamos uma competição *por equipes* no jargão enxadrístico. É o que é denominado de “paralelismo dos processos negociadores” na linguagem diplomática. Onde cada resultado individual de cada tabuleiro é somado para o cômputo geral da equipe através do sopesamento de distintos interesses em jogo: novos temas, implementação, regras de investimentos.

Mas, o jogo de xadrez é uma face, uma arma da panóplia diplomática — uma ciência, uma arte, um jogo, para descrever a diplomacia. Daí o termo expresso pelos conhecedores da matéria “paralelismo de processos negociadores” como o consagrado, e aqui, a nossa pequena contribuição através do correto termo enxadrístico.

Pois é, sobre os nossos tabuleiros temos os seguintes “processos negociadores” “paralelos” uns aos outros, que são, nas

palavras do Professor Celso Lafer os seguintes “processos negociadores em curso”: OMC; ALCA; União Européia e o estratégico Mercosul. No jogo da formulação da política interna se traduzem as seguintes políticas por necessidades dadas as circunstâncias externas: as Reformas do Estado (Tributária; Previdenciária); a nova Partida para os negócios da China; o Acordo com o México que agora tem que ser “negociado” dentro do Mercosul; e as negociações com a África do Sul.

Uma das muitas características dos diplomatas de carreira é ser um “especialista em generalidades”, e, que, entre as muitas metáforas que se utilizam, há a do jogo de xadrez, tão antigo quanto a Bíblia. Já, que, por sua vez, a diplomacia estuda textos antigos, tão antigos quanto o próprio jogo de xadrez, por isso verificamos que a metáfora é integralmente válida. Já, pelos profundos conhecimentos das antiguidades da História e da Geografia do Brasil, o Barão do Rio Branco, proporcionou-nos vitórias em muitos jogos, como advogado e como Ministro das Relações Exteriores do Brasil.

É essa uma das razões que a diplomacia utiliza termos do *lúdico jogo de xadrez* para descrever os movimentos que acontecem nos tabuleiros negociadores.

É visto que, a Casa de Rio Branco, joga pelo fortalecimento do sistema multilateral de comércio da OMC, e é para este foro de diálogo que está atenta a mente das inteligências brasileiras, que tanto no jargão enxadrístico como da linguagem diplomática é a primeira mesa. Para esse salão de jogos está escalado a Excelência, o árbitro brasileiro, o Professor Dr. Luís Olavo Batista, juiz da OMC, para solucionar os conflitos que por acaso surgirem em outras partidas de outras *equipes*.

Em uma competição por mercados externos, cada resultado individualmente negociado, interfere na contagem total dos pontos, sendo que este é o fator de pressão e equilíbrio em cada um dos quatro processos negociadores vigentes.

Sendo que o Brasil é um pequeno *global trade*, enfrentamos as ambiciosas negociações da Rodada de Doha. À terceira mesa são somadas as pressões para a efetivação de acordos regionais como o da ALCA, em que se buscam um acordo equilibrado, um empate, a construção de uma igualdade de condições de vantagens comparativas para dinamizarmos uma disputa, palmo a palmo, de cada uma das “casas” do mercado hemisférico-ocidental. Nessa mesa obtivemos vantagens até agora: negociar a ALCA através do Mercosul, bem como o cumprimento dos prazos de 2005. Mas, o resultado é imprevisível, mesmo com a TPA, e o jogo como está sobre a mesa, está difícil de ser jogado. As negociações estão muito delicadas.

Pode-se dizer que é no sistema multilateral de comércio — na OMC e no Mercosul é que jogamos de peças brancas, onde somos demandantes, e, por isso, temos como extrair mais vantagens, e igualmente, *a priori*, a responsabilidade de ganhar.

Como a inserção internacional brasileira é feita através do jovem Mercosul, o terceiro processo negociador, em ordem de grandeza de nossa política externa, e primeiro pelo seu caráter estratégico, verifica-se que, em virtude de sua juventude, são trazidas as bailas difíceis e complexas análises quanto previsibilidade de seu resultado, por isso, em curto prazo, está o Brasil sujeito a uma maior pressão. Esta é tanto interna (dos Estados-Partes, as perfurações na TEC, da crise econômica argentina) quanto externa (da arquitetura financeira internacional, da competição por mercados, da desaceleração da economia mundial) que acaba repercutindo, como um todo, a cada lance, *pari passu*, nas demais negociações. Engendra, o Mercosul, um efeito único, nos ânimos diplomáticos de nossa equipe competidora com um todo, porque está destinado a ser nossa maior estrela, mas pela sua juventude é preciso sempre pararmos para pensar em como destiná-lo.

Contudo, com o Mercosul cada vez mais fortalecido, mais maduro, as demais

mesas negociadoras sentir-se-ão mais à vontade para dialogar por mais acesso a mercados, propriedade intelectual, compras governamentais, investimentos, serviços, agricultura, tópicos que estão em jogo.

Vemos que, no presente momento, está muito interessante a negociação com a União Européia, que, porque, de um lado o “relógio” europeu demonstra que tem muito tempo para pensar, enquanto, do lado do Mercosul, verifica-se que jogamos “ao toque” a robusta, mas dirigida com cautela, linha agrícola, na busca que os europeus mudem de atitude, e se apressem para responder com uma nova linha para a sua tradicional multifuncional Política Agrícola Comum (PAC), entretanto, o que vemos, a partir dos recentes lances é que os jogadores entraram em uma fase em que o “fator tempo” começou a ser contabilizado, justamente por ser a *competição por equipes*, o “paralelismo dos processos negociadores”, faz-nos verificar os lances das negociações da OMC e da ALCA.

A exportação de produtos e serviços brasileiros desenvolve-se em uma linha distinta e própria, através de programas de exportações, mas nunca independente dos resultados obtidos nos outros processos negociadores. Trata-se de uma negociação interna, de um superar a si mesmo. Traduz-se tais atos, na realização de uma reforma tributária, pela diminuição dos juros praticados no mercado interno, pela integração de cadeias produtivas no Mercosul, pela internalização do Acordo recentemente assinado com o México, por um constante “limpar a mesa”. Daí o “paralelismo dos processos negociadores”, uma dinâmica *competição por equipes*, na realidade de duas, uma para dentro do Brasil e do Mercosul, e uma para fora, com um jogo ativo, de demanda nos tabuleiros dos principais foros.

O capitão da *Equipe Brasileira* dessa Olimpíada Diplomática é o Professor Celso Lafer. Esse filósofo, pensador, de primeira linha, professa a busca da vitória, através da diplomacia comercial. E dentro

do seu Ministério professou que a Turma do Instituto Rio Branco (IRBr) de 2001 fosse destinada aos tabuleiros comerciais.

Este sabe que, em cada uma das distintas mesas, há pequenos impasses a vencer: o “Custo Brasil”, o acesso a mercados, os mecanismos *anti-dumping*, a real implementação dos acordos e a crise econômica argentina.

Mas, sendo um sábio que é, o Professor Lafer, este cardeal da diplomacia econômica, e ex-Presidente do Conselho-Geral da OMC, nos ensina, através de seus livros, que não é pela vitória em si que se joga, como um ato vil, bárbaro e totalitário, e sim, para diminuir as assimetrias nesta competição por mercados consumidores.

Nessa olimpíada diplomática não sabemos qual será o resultado final de nossa equipe competidora, mas a única coisa que podemos prever é que, a efetivação da nova Rodada de Liberalização Comercial da OMC de Doha, isto é, a uma vitória na Rodada do Desenvolvimento, é de fundamental importância para uma vitória brasileira geral de nossa equipe porque é onde buscamos “casas” para nossas peças de exportação agrícola, como frango, carne de boi e complexo de soja, por exemplo.

Já o papel representado pelos “dois homens sábios”, como foram chamados, nosso Chanceler e o ex-Secretário-Geral da ONU, Senhor Brutus Brutus Gali, os principais artesãos na construção do “texto do possível”, em Doha, através do sistemático fortalecimento do sistema multilateral do comércio, foi ato fundamental.

Tal ato político-diplomático, tático-estratégico, foi para proporcionar um ambiente onde o salão de jogos esteja ameno, que seja mais globalmente solidário, que comporte os enxadristas e os aficionados — que seja para todos.

Sabemos que o próximo lance é concentra esforços, é adensar o diálogo, é fazer guerra de nervos, é jogarmos contra o relógio se preciso for, enfim, é usarmos do significativo ludismo da diplomacia comer-

cial, para as efetivas negociações com os cavalheiros do outro lado da mesa, por exemplo, o Senhor Pascal Lamy e o Senhor Robert Zoellick.

Estamos no crítico momento do desenvolvimento dessa aguda linha de jogo, que é o “livre comércio”, globalizante da economia internacional, liberalizante dos mercados internos, transnacionalizantes das empresas, tudo isso feito através do sacrifício de peões, em prol de vantagens que são muitas vezes invisíveis aos olhos dos amadores, da alijada maioria da população mundial. Resultado do lance que foi feito agora poderá ser a aurora de um novo milênio ou uma forte onda de protecionismo generalizada, que já se espalha.

Até agora, nesta partida realizada dentro destas “regras do jogo”, a realização da seqüência de lances magistralmente forçados e combinações anteriormente pensadas (Rodada de Marrakech, rodada de Singapura), com o objetivo de romper a posição adversária (principalmente dos países desenvolvidos).

Para fazer vale nossa vantagem posicional (haja vista a atuação dos “dois homens sábios”), em acesso a mercados, na saudável quebra de patentes de propriedade intelectual, nas compras governamentais, em investimentos e serviços, transferências de tecnologia, cláusulas *anti-dumping*, enfim, tudo que for possível aos olhos e aos ouvidos dos espectadores. A positivação

dos objetivos estudados antes das Rodadas, pelo significado de *desenvolver* genialmente os próprios valores que a humanidade traz consigo, de poder das de si mesma, da fundição dessas artes a esperança de caminhar-mos para um mundo melhor.

Mas, todos esses atos são feitos através da pressão, dos estudos, de análises, e quanto mais peças desse jogo de xadrez dispormos, para o desfecho dos planos arquitetados, melhor.

Mas, lembremos, os cavalheiros do outro lado do tabuleiro estão protegidos por uma muralha que se chama “soberania nacional”, uma mentalidade protecionista forte, um *lobby* capaz de eleger Presidentes, Senadores, Deputados, e são grandes jogadores, negociadores. Tragamos a força agrícola do Grupo de Cairns, pressionemos dialeticamente o Mercado Comum Europeu, que em uma geometria variável de interesses, busquemos trazê-la para nosso lado, peões (Países de Menor Desenvolvimento Relativo), peças maiores (Presidentes, Primeiros-Ministros), peças ligeiras (doutrinadores, opinião pública internacional, ONGs), e materializemos uma combinação vencedora.

Claro que, por ser diplomacia, não vamos dar mate ao rei, mas, pela reciprocidade de interesses abriremos mercados consumidores na medida em que contemplado os nossos, para que todas as equipes saiam vencedoras. Conforme César, *alea jacta est*.